



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

ANDRÉ DE PINHO MARQUES SILVEIRA

**PODCAST PANORAMA INDEPENDENTE: UM PAPO SOBRE A
RECONFIGURAÇÃO DA CENA MUSICAL INDEPENDENTE DE
GOVERNADOR VALADARES DURANTE A PANDEMIA**

Produto Jornalístico

Mariana

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



ANDRÉ DE PINHO MARQUES SILVEIRA

Podcast Panorama Independente: um papo sobre a reconfiguração da
cena musical independente de Governador Valadares durante a
pandemia

Memorial descritivo de produto jornalístico
apresentado ao curso Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador(a): Dra. Lara Linhalis Guimarães

Mariana
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S587p Silveira, Andre De Pinho Marques .
Podcast Panorama Independente [manuscrito]: um papo sobre a reconfiguração da cena musical independente de Governador Valadares durante a pandemia. / Andre De Pinho Marques Silveira. - 2021.
31 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães.

Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Artistas - Governador Valadares (MG). 2. Artistas de grupos minoritários. 3. Doenças transmissíveis . I. Guimarães, Lara Linhalis. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 7.011.3

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter de Sousa-Bibliotecário ICSA/UFOP-CRB6a1407

01/09/2021

SEI/UFOP - 0215503 - Folha de aprovação do TCC



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

André de Pinho Marques Silveira

Podcast Panorama Independente:

um papo sobre a reconfiguração da cena musical independente de Governador Valadares durante a pandemia

Projeto experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 24 de agosto de 2021

Membros da banca

[Doutora] - Lara Linhalis Guimarães - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Doutor] - Cláudio Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Doutor] - Carlos Jáuregui - (Universidade Federal de Ouro Preto)

[Lara Linhalis Guimarães], orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 31/08/2021



Documento assinado eletronicamente por Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 31/08/2021, às 18:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.739, de 8 de outubro de 2013](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0215503 e o código CRC 70CDB82C.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.009130/2021-67

SEI nº 0215503

R. Diogo de Vasconcelos, 322, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

RESUMO

Neste ano de 2021, com a pandemia do novo coronavírus, o setor de entretenimento foi um dos mais afetados. Como medida restritiva à circulação de pessoas, bares, restaurantes, casas de shows e teatros foram fechados ou só puderam permanecer abertos seguindo várias normas de contingência à Covid-19. Dessa forma, os artistas estão sendo impelidos a se reinventarem e adotarem novos modelos de trabalho, muitos deles utilizando tecnologias de transmissão ao vivo para manter a interação com seus fãs. Este trabalho propõe ouvir os artistas independentes de Governador Valadares a fim de compreender como eles têm se comportado nesse novo cenário. Em episódios com cerca de 20 minutos, o podcast Panorama Independente irá entrevistar artistas de cenas musicais distintas da cidade para conhecer um pouco mais sobre a realidade de cada um e compreender as mudanças impostas em suas rotinas.

Palavras-chave: artistas independentes; Governador Valadares; pandemia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Página do podcast no SoundCloud	22
FIGURA 2 – Página do podcast no Instagram	22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – PODCAST PANORAMA INDEPENDENTE	7
1. O QUE É UMA CENA MUSICAL?	9
1.1 Pandemia por Covid e a transformação das cenas musicais no Brasil.....	13
2. O PODCAST PANORAMA INDEPENDENTE	17
2.1. O processo de produção.....	19
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
4. REFERÊNCIAS	24
5. APÊNDICE 1	28

INTRODUÇÃO – PODCAST PANORAMA INDEPENDENTE

Diante de observações feitas no período de pandemia por Covid-19 acerca das mudanças que estavam ocorrendo no setor musical, surgiu a proposta deste trabalho. Com o enfoque no cenário da música independente, o trabalho propõe-se a conhecer um pouco mais sobre a realidade dos artistas de Governador Valadares durante a pandemia, já que o setor de entretenimento foi um dos mais afetados e, conseqüentemente, várias apresentações presenciais foram canceladas.

O formato escolhido foi o podcast, que será composto por três episódios de três quadros fixos com o objetivo de conhecer um pouco mais da história de cada artista e saber quais foram suas estratégias para manter o contato com o público e continuar produzindo conteúdo durante o período de isolamento social. O podcast foi escolhido por se tratar de um formato midiático que proporciona uma maior liberdade para se conduzir entrevistas, além da maior facilidade de produção e distribuição.

Os entrevistados escolhidos participam de cenas musicais distintas como: pop rock/rock, MPB e rap/trap. As cenas musicais são espaços que promovem a interação entre grupos de pessoas e possibilitam a movimentação cultural dentro dos espaços urbanos.

A escolha por entrevistar três artistas no trabalho se deu principalmente pela questão do tempo, que foi curto, e pelas readaptações que foram necessárias durante o percurso da orientação. Apenas três artistas não são parâmetro para entender as especificidades do cenário independente de Governador Valadares durante a pandemia de um modo geral, por isso há a proposta de continuação do podcast no futuro, a fim de dar voz a mais artistas e observar quais estão sendo os desafios impostos pela pandemia. Além disso, o intuito é observar também as dificuldades do pós-pandemia, quando será necessária a readaptação ao contexto presencial.

Os questionamentos que guiam este podcast são: Como os artistas têm se comportado nesse novo contexto pandêmico? Como tem sido a relação deles com as redes sociais e com outros instrumentos de contato com o público? Quais são suas expectativas para um possível pós-pandemia?

Nas noites valadarenses é fácil encontrar barzinhos com música ao vivo, porém a pandemia inviabilizou as apresentações. Sendo assim, é importante que a classe musical seja

lembrada não só pelas políticas públicas, mas também por espaços midiáticos que os proporcionem algum tipo de representatividade.

1. O QUE É UMA CENA MUSICAL?

A noção de cena musical, segundo Jeder Janotti Júnior (2012), está diretamente relacionada à forma como certos movimentos musicais circulam no espaço urbano e promovem a interação entre grupos de pessoas, buscando descrever as lógicas econômicas e sociais decorrentes de determinadas expressões musicais nas cidades.

As cenas são compostas por diversos atores sociais como cantores, compositores, produtores, divulgadores, coreógrafos, entre vários outros. Os estudos sobre cena musical se popularizaram a partir dos trabalhos de Will Straw nos anos 90, e têm se mostrado uma importante ferramenta para entender as dinâmicas sociais e afetivas que envolvem a música. Segundo Straw:

As cenas podem ser distinguidas de acordo com a sua localização (como em a cena de St. Laurent em Montreal), o gênero da produção cultural que lhes dá coerência (um estilo musical, por exemplo, como nas referências à cena electroclash) ou da atividade social vagamente definida em torno da qual elas tomam forma (como nas cenas urbanas de jogo de xadrez ao ar livre). (STRAW apud JANOTTI JÚNIOR, 2013, p.12).

Dessa forma, o autor pontua que as cenas são como unidades de cultura urbana, como estruturas pelas quais a vida cultural adquire solidez, servindo como espaços de interação, troca e instrução. As pessoas que participam de uma mesma cena podem se identificar com ela de maneiras diferentes. Por exemplo: uma pessoa de São Paulo, cidade que possui vários locais onde acontecem batalhas de rap, pode se identificar com esse gênero musical mas gostar das vestimentas dos roqueiros de Belo Horizonte, cidade que teve importância na cena do heavy metal no Brasil. Para mais, as pessoas também podem mudar seus gostos sobre determinado cenário musical, principalmente nos dias atuais onde o acesso a diferentes estilos musicais é bastante facilitado pela internet.

Conforme entende Micael Herschmann (2011), a geração atual tem um novo lugar para buscar seu espaço privado e a construção de uma identidade, a rede, e em algum momento a música vai ser um elemento importante para essa formação.

O imperativo da escolha fez da música (junto com a indumentária) um fator chave nesse longo processo que serve para os indivíduos aprenderem o que significa ser jovem ou velho, branco ou negro, homem ou mulher. Nesse sentido, a música é utilizada pela juventude para ressaltar suas diferenças com relação aos demais, participando de um complicado jogo de identidade e de status. Não nos surpreende o fato de que os estudantes de ensino secundário formem grupos sociais baseados nos gostos musicais que eles compartilham. (FRITH, 2006, p. 102, apud HERSCHMANN, 2011, p. 54)

Dessa forma, o espaço privado que a Web 2.0 ajuda a criar, tem uma clara referência na música e nos gostos musicais. A Web 2.0 “(...) abarca características como interatividade, participação, intercâmbio, colaboração, redes sociais, bases de dados, usuário, plataforma” (HERSCHMANN, 2011, p. 53), e, segundo Herschmann, suas ferramentas servem para encurtar a distância entre grupos e fãs e faz com que os próprios usuários se tornem os prescritores de suas músicas favoritas.

Os indivíduos se juntam por se sentirem identificados com determinada cena. Do modo como entende Janotti Júnior, a música é, além de uma expressão estética, uma articuladora cultural.

No consumo globalizado da música, não é mais possível isolar as inter-relações entre música e identidade em espaços engessados, o que permite perceber que nas cenas se afirmam identidades nas constantes negociações entre afirmações cosmopolitas (conexão com expressões musicais que circulam em lugares distintos do planeta através da internet e outros meios) e a forma como as mesmas expressões musicais se materializam em diferentes espaços urbanos. (JANOTTI JUNIOR, 2012, p.4)

De acordo com o autor, “as cenas estão associadas às particularidades de escutas musicais que se diferenciam da mera circulação musical presentes nas sonoridades que habitam as cidades” (JANOTTI JUNIOR, 2012, p.2). Sendo assim, é possível pensar que cenas como as do manguebeat de Recife e do funk carioca coexistem com a Recife do frevo e o Rio do samba. Além disso, segundo o autor, pode-se inferir que nem todo tipo de música que circula nas cidades constitui uma cena, já que isso pressupõe a construção de modos específicos de mapear o terreno urbano através de práticas musicais auto-reflexivas. Ou seja: os participantes de uma cena musical se reconhecem na cena ao mesmo tempo em que demarcam seu alcance.

Voltando um pouco aos estudos de Will Straw, ele centrou a compreensão das cenas musicais em três aspectos baseados nas lógicas de “terrenos musicais particulares”, que englobam

1) a noção de campo das práticas culturais de Bourdieu, reconhecendo certos padrões e regularidades no consumo musical de cenas distintas; 2) a lógica social dos produtos das indústrias culturais proposta por Bernard Miège, ressaltando os processos de circulação/produção através das idéias de novidade, longevidade, canonização e valorização dos produtos e espaços das cenas, e 3) uma articulação entre as táticas culturais definidas por Michel de Certeau como movimentos circunstanciais no cotidiano dos consumidores culturais que se diferenciam das estratégias dos grandes conglomerados midiáticos em uma interação com dois processos sociais – a) as disputas em torno de prestígio e status que envolvem músicos, críticos, produtores e fãs nas cenas e b) a contínua transformação das relações culturais e sociais. (JANOTTI JUNIOR, 2013, p.4)

Portanto, partindo dessa perspectiva, Straw reconhece os processos entre a autonomia relativa das apropriações da música e o peso da indústria fonográfica na configuração da música que circula ao redor do mundo. “Não por acaso, até hoje a noção de cena é vista como um contraponto ao peso que as estratégias econômicas das indústrias culturais possuem no mundo da música” (JANOTTI JUNIOR, 2013, p.5).

Na virada do século, com a globalização das culturas musicais e a modernização das tecnologias de comunicação, a noção de cena foi ampliada. A partir disso, Bennett e Peterson (2004) sugeriram dividir a ideia de cena em três eixos: cenas locais, cenas translocais e cenas virtuais. As cenas locais são atividades sociais que acontecem num espaço territorial e período de tempo delimitado, quando indivíduos se dão conta dos seus gostos similares e passam a diferenciar-se de outros através da música e outros símbolos culturais. Do modo como explica Simone Pereira de Sá (2013), o foco do interesse musical pode ser um gênero “de fora”, porém apropriado, re combinado e desenvolvido para representar uma cena local. Além disso, apesar de focada na música, a cena envolve outros aspectos de estilo de vida como modos de vestir e de dançar. As cenas translocais são as cenas formadas pelo contato de distintas cenas locais em torno do mesmo interesse musical. Sá (2013) explica que as cenas são denominadas translocais porque ao mesmo tempo em que elas são locais, também são conectadas com grupos de espíritos afins separados pela distância geográfica.

São, pois, cenas locais interconectadas, que “transcendem a necessidade da interação face a face como requisito para o pertencimento” (pg.9) e que se comunicam através da troca de gravações, fanzines, ou presencialmente, nos festivais – tais como a cena de indie rock dos anos 80 ou a dance music dos 90. (SÁ, 2013, p.31)

As cenas virtuais são aquelas que usam a internet para a sua existência. Esta proposta de dividir a cena em três eixos tenta abranger a circulação da música em diferentes espaços,

mas parece não abarcar a importância que as cidades possuem no consumo de música, pois afinal, nos dias atuais tudo está em rede.

Construída antes da consolidação do modelo da web 2.0 – baseado nas plataformas musicais e redes sociais – ela nos parece pouco produtiva para lidar com a complexidade das articulações das cenas no ambiente das redes virtuais na atualidade, uma vez que estabelece fronteiras estanques entre as cenas off-line e “online” que não fazem nenhum sentido na contemporaneidade. (SÁ, 2013, p.31)

Portanto, a separação das cenas locais, translocais e virtuais é algo muito complexo de se delimitar, pois fatores das cenas locais e translocais podem ser fundamentais para que uma cena se consolide no espaço virtual. Tratando-se de música independente, espaços da cidade como ruas, bares e quaisquer outros pontos de encontro são fundamentais para a articulação da cultura dentro do espaço urbano.

Em Governador Valadares, num contexto pré-pandemia, os barzinhos da cidade costumavam começar com música ao vivo às quintas-feiras, o que tinha continuidade ao longo do fim de semana. Os artistas da cidade trabalham com gêneros musicais variados, como sertanejo, pop rock, rock, MPB, reggae e rap. Alguns lugares visam públicos mais específicos, como o bar Soul Rock, que geralmente recebe artistas do rock; e o Paiol Bar, que recebe artistas do sertanejo. Além disso, acontecem também nas praças centrais da cidade as batalhas de rap, organizadas pelo Coletivo Deck e que mobilizam jovens e adolescentes dos bairros da periferia.

A cidade possui alguns eventos anuais tradicionais, como o Valadares Jazz Festival, festival de jazz que vai para a sua vigésima primeira edição em 2021 e a Expoagro GV, exposição agropecuária que acontece na cidade há mais de 50 anos. Em 2015, a Virada Cultural também começou a ser organizada na cidade, e desde então vem ganhando espaço no cenário musical valadarense, recebendo os artistas da cidade e sendo uma importante iniciativa para a valorização da cultura no município. A última edição da Virada aconteceu recentemente, nos dias 19 e 20 de junho, de forma virtual e contando com recursos da Lei Aldir Blanc¹, lei de incentivo à cultura aprovada em junho de 2020 pelo Congresso Nacional e que prevê auxílio financeiro ao setor cultural durante o período de pandemia.

¹ Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/cultura-artes-historia-e-esportes/2020/08/lei-aldir-blanc-de-apoio-a-cultura-e-regulamentada-pelo-governo-federal>>. Acesso em: 01 ago. 2021

1.1 Pandemia por Covid e a transformação das cenas musicais no Brasil

Estamos vivendo tempos atípicos. A descoberta do novo coronavírus no final de dezembro de 2019, na China, deixou em alerta toda a população mundial, principalmente quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que se tratava de uma emergência internacional de saúde pública e, posteriormente, que a alta taxa de contágio deste vírus havia se tornado uma pandemia (JANOTTI JÚNIOR *et al.*, 2020). O grande crescimento no número de casos e de óbitos fez com que governantes de vários países adotassem medidas de isolamento social, método mais eficiente, segundo especialistas², para frear a curva ascendente de casos que se espalharam e ainda se espalham pelo mundo.

Com grande parte da população mundial em casa, especialmente nos primeiros meses da pandemia, o setor de entretenimento foi um dos mais afetados, já que com a adoção de medidas restritivas à circulação de pessoas; bares, teatros, casas de shows, cinemas e restaurantes foram fechados – ou puderam permanecer abertos com restrições diversas - e os eventos e shows cancelados, na maioria dos casos. Segundo Paulo Guidolini e Ruth Silva (2020), esse mercado de produção cultural e intelectual é comumente denominado economia criativa. Ele é responsável por gerar 2,64% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e mais de um milhão de empregos formais diretos, de acordo com estudo da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN) realizado com base em dados do IBGE³. Estima-se ainda que haja no setor cerca de 250 mil empresas e instituições.

Uma das estratégias de adaptação do setor às restrições impostas pela pandemia, a qual vem sendo utilizada por muitos artistas do ramo do entretenimento, principalmente pelos músicos, é a realização de *lives*, transmissões online e ao vivo feitas por plataformas digitais.

Os artistas do mercado musical em especial têm usado a imersão tecnológica para tentar driblar os prejuízos do distanciamento dos palcos devido às novas normas sanitárias. Os músicos têm se reinventado e estão descobrindo novas formas de contato e de apresentação ao seu público, criando performances ao vivo para seus fãs principalmente em plataformas como o Instagram, Facebook e na plataforma de vídeos do Google o YouTube. (GUIDOLINI e SILVA, 2020, p. 3)

² Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/30/oms-reforca-que-medidas-de-isolamento-social-sao-a-melhor-alternativa-contra-o-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 24. jun. 2021

³ Disponível em: <<http://cultura.gov.br/economia-criativa/>>. Acesso em: 24. jun. 2021

Segundo dados do YouTube, o Brasil lidera o ranking mundial de lives na plataforma. Um dos cantores brasileiros que mais teve sucesso na adoção desse novo formato foi o sertanejo Gustavo Lima. Segundo dados do Jornal Extra (2020), o cantor já arrecadou cerca de 10 milhões em suas lives, sendo esse valor alcançado através de cotas de patrocínio e doações do seu público. Herschmann (2011) afirma que o número de seguidores que aparecem nesses sites é imensurável, e que essas plataformas online são importantes para que se crie uma comunidade de ouvintes, isto é, de participantes que compartilham músicas e estilos de vida.

A pandemia acelerou mais a adaptação dos artistas e do seu público aos meios digitais de comunicação, que mesmo antes da pandemia, já se mostravam uma nova tendência para o mercado musical. De acordo com os dados da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI, na sigla em inglês), a receita gerada pelos *streamings* cresceu 22,9%, ultrapassando os 11 bilhões de dólares no ano de 2019, sendo bem superior à queda apresentada pelo consumo de música por meios físicos, que foi de -5,3%. Estes dados mostram como o segmento musical vem se adaptando aos meios digitais.

As redes sociais tiveram um papel importante nas mudanças que ocorreram no mercado musical, pois proporcionaram uma nova dinâmica de distribuição dos fonogramas e ajudaram a aproximar os artistas dos fãs.

Embora os dados da indústria musical sejam muito promissores nos últimos anos, nem todos os artistas são afetados da mesma forma por essa alta, principalmente os artistas independentes, que não possuem o mesmo capital financeiro que os artistas do *mainstream*. “Música independente é um termo que foi criado para nomear aqueles artistas e grupos que faziam música, porém sem nenhum vínculo com gravadoras multinacionais, às chamadas majors.” (REMÍGIO; ARAÚJO; NASCIMENTO, 2017, p. 2).

As evoluções tecnológicas surgiram como uma ótima alternativa ao músico independente, que, até então, tinha a televisão e as emissoras de rádio como opções para atingir um grande público. Raquel Recuero (2015) afirma que nas redes sociais online, as informações são muito mais amplificadas, reverberadas, discutidas e repassadas. Sendo assim, essas redes proporcionam mais voz às pessoas e um maior potencial de disseminar informações.

De acordo com Eduardo Vicente (2005), a popularização do ambiente digital, além das novas tecnologias, não é útil apenas na distribuição, mas também ajuda a reduzir gastos, o que pode ser essencial na realidade do artista independente. Na medida em que as plataformas de *streaming* vão ganhando cada vez mais espaço, as pessoas perdem o hábito de ouvir álbuns

completos e buscam diretamente as músicas que querem ouvir, montando suas próprias playlists (HERBERT, LOTZ, MARSHALL, 2018). Este ponto pode beneficiar a carreira do músico independente, principalmente no lado financeiro.

Em um período em que as pessoas ouvem músicas isoladas, hábito que já existe desde o costume de baixar singles da internet, não é mais necessário criar e disponibilizar um álbum completo, uma faixa já é o suficiente para tentar seu espaço nessa indústria. De maneira prática, o custo para a gravação de uma música é menor do que para um álbum inteiro. Além disso, o artista também é bonificado cada vez que alguma de suas músicas é reproduzida. (REIS *et al.*, 2020, p. 180)

Mesmo com todas as vantagens e facilidades expostas acima, a existência das plataformas digitais não resolve sozinha o problema do músico independente. Nos ambientes virtuais existem artistas com diferentes números de fãs. Enquanto os de *mainstream* alcançam milhões de seguidores, os independentes costumam ter um número bem menor. Além disso, o algoritmo dos serviços de recomendação musical geralmente indica músicas que as pessoas já estão acostumadas a ouvir dentro da plataforma. Ou seja: se as pessoas não têm o hábito de ouvir artistas independentes, será mais difícil do serviço indicar esses artistas para os seus clientes.

Com o atual cenário de pandemia, carreiras foram afetadas, já que não há a possibilidade de realizar apresentações presenciais. De uma maneira geral, casos como o do cantor Gustavo Lima, citado anteriormente, são uma exceção. “Diferente dos músicos de *mainstream*, as lives dos independentes costumam ter um número consideravelmente menor de espectadores, não despertam interesse de grandes marcas e tendem a não arrecadar grandes quantias através das doações do público.” (REIS *et al.*, 2020, p.181)

O setor musical sofre com o apagão dos shows, e segundo dados do G1 (2021), no ano de 2020, em comparação aos anos anteriores, o setor deixou de arrecadar cerca de 100 milhões de reais devido ao cancelamento dos shows. Os dados são apenas da arrecadação de direitos autorais em shows, pois ainda não existe um estudo comparativo entre ganhos com o streaming e perdas totais com shows de música no Brasil.

Um fato importante foi a regulamentação da Lei Aldir Blanc em agosto de 2020, a qual beneficiou muito profissionais do setor cultural nesse momento de adversidade. Segundo dados do Governo Federal⁴, foram liberados 3 bilhões de reais para os estados e o Distrito Federal,

⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/cultura-artes-historia-e-esportes/2020/08/lei-aldir-blanc-de-apoio-a-cultura-e-regulamentada-pelo-governo-federal>. Acesso em: 31 ago. 2021

que foram destinados à manutenção de espaços culturais, ao pagamento de uma renda emergencial aos trabalhadores que tiveram suas atividades interrompidas e à editais e chamadas públicas. Os estados e municípios são os responsáveis por indicar e detalhar os planos para a execução dos recursos, que devem seguir regras estabelecidas previamente. A distribuição desses recursos é essencial para a manutenção e o sustento de artistas espalhados por todo o país. A lei recebeu esse nome em homenagem ao compositor e escritor Aldir Blanc, que faleceu em maio de 2020 vítima do coronavírus.

Mesmo com o aporte da Lei Aldir Blanc, se no setor como um todo os danos já estão sendo grandes, para a cena independente o cenário é mais complicado ainda, já que as apresentações presenciais representam grande parte do seu sustento. Nesse sentido, perguntamo-nos: quais estratégias de contato com o público os artistas da cena independente vêm utilizando no contexto da pandemia do novo coronavírus? Ou, de modo mais geral, como o mercado musical independente tem se comportado nesta nova ambiência?

2. O PODCAST PANORAMA INDEPENDENTE

O podcast é um dos conteúdos de mídia que mais tem ganhado espaço na internet nos últimos anos, graças a facilidade de criação e distribuição. Segundo Lúcio Luiz e Pablo de Assis (2010), de uma maneira geral, os podcasts são programas de áudio ou vídeo ou ainda uma mídia de qualquer formato cuja característica principal é sua forma de distribuição direta e atemporal denominada podcasting.

Para Alex Primo (2005), “podcasting é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet” (PRIMO, 2005, p.1). O processo acontece a partir da relação entre o arquivo de áudio do podcast e o arquivo de texto que sempre é publicado junto ao podcast, conhecido como feed. “A simples publicação de arquivos de áudio em uma página da internet, por si só, não pode ser classificada como podcasting e, conseqüentemente, esses arquivos não podem ser caracterizados como podcasts” (LUIZ e ASSIS, 2010, p.6).

Do modo como entende Gustavo Vanassi (2007), para que o sistema em que o podcasting se baseia funcione, existem processos que devem ser trabalhados de forma conjunta. Entre eles estão:

- Produção: para se produzir um podcast não é necessário conhecimento técnico avançado ou investimentos muito altos. Em teoria, qualquer pessoa com um computador equipado com fones de ouvido, microfone e uma placa de áudio com capacidade de gravação e reprodução de som está apta a produzir um podcast.
- Tipos de arquivo: para a publicação de podcasts na rede, os arquivos de áudio que contém os programas não podem ser muito grandes em volume de dados, pois nem todos os ouvintes contam com um serviço de internet rápido para fazerem downloads longos em pouco tempo. Para resolver essa questão, foram criados mecanismos de compressão de dados, que diminuem o tamanho dos arquivos sem fazer com que eles percam muita qualidade. Um dos tipos de arquivo mais comum de serem encontrados é o MP3, que é compatível com a maioria dos tocadores portáteis de áudio.
- Disponibilidade: os podcasts devem estar disponíveis publicamente na internet e acessíveis 24 horas por dia ao longo dos 7 dias da semana, pois uma das principais características do

podcasting é a liberdade oferecida ao ouvinte de baixar e escutar os programas oferecidos quando quiser. Para isso, cada programa produzido deve ser hospedado em um servidor ligado à internet, onde ficará disponível para download. Pode-se citar como exemplo o Spotify, um dos serviços de streaming mais populares do mundo.

- Acesso: toda vez que um podcast novo vai ao ar, seus ouvintes devem ser informados de que ele foi publicado. Para que isso aconteça automaticamente, é utilizado um mecanismo que funciona através de pequenos arquivos de texto, chamados de arquivos RSS, publicados no mesmo servidor dos podcasts. Esses arquivos podem ser feitos por quem publica o podcast, mas também existem formas automatizadas para isso.

Primo (2005) frisa que, de maneira geral, a maior força do podcasting é o fato de que ele viabiliza uma produção independente de alcance global, o que torna o conteúdo mais democrático e descentralizado, podendo ser emitido por qualquer membro da audiência em qualquer lugar do mundo. Tal característica também é abordada por Macello Medeiros (2005):

[...] a grande inovação que o Podcasting propõe: o “poder de emissão” na mão do ouvinte. Com isso, não existe mais uma produção de conteúdo centralizado nas mãos de uma mídia. Cada usuário produz seu conteúdo descentralizadamente, disponibilizando-o na rede da melhor maneira que lhe convier (MEDEIROS, 2005, p. 05).

Dessa forma, percebe-se a capacidade que a internet tem de transformar membros da audiência em novos emissores de conteúdo. “Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos” (JENKINS, 2006, p. 46).

De acordo com Marcelo Kischinhevsky (2016), os podcasts se enquadram na lógica expandida do rádio, que vai além das ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV, os sites de jornais e portais de música. O autor afirma que as mídias do rádio expandido podem ser ouvidas via frequência modulada (FM), ondas médias (AM), curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks ou tablets. Além disso, podem ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através da busca em arquivos ou diretórios).

No Brasil, uma das referências em pesquisa sobre podcasts é a PodPesquisa, criada por Marcelo Oliveira do Projeto Fritzlandia e Ronaldo Ferreira do Racum, em 2008. Desde então, a pesquisa recolhe informações sobre os ouvintes e produtores de podcast.

Em 2019, ano da última pesquisa, constatou-se que a maioria dos ouvintes ainda é predominantemente masculina, mas a participação das mulheres na PodPesquisa vem aumentando. A maioria dos ouvintes descobre novos programas por indicação de podcasters e amigos, e com relação à pesquisa anterior, de 2018, a média de idade do ouvinte passou de 29 para 28 anos. A principal plataforma de acesso aos podcasts é majoritariamente o Spotify, seguido do Podcast Addict e do Google Podcasts. Percentualmente, com relação aos interesses e preferências dos consumidores, Cultura Pop e Política cresceram 13,1%, em números absolutos de respostas a categoria Feminismo foi destaque com 699 respostas. Os podcasts mais citados pelos ouvintes na pesquisa foram o Nerdcast, o Gugacast e o Mamilos.⁵

Herschmann e Kischinhevsky (2008) apontam que um fator de sedução para o sucesso dos podcasts é a ausência de regras rígidas. Geralmente não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados. Devido a esse elemento, os podcasts que aderem ao formato de roda de conversa têm bastante popularidade por assumirem um tom de conversa mais informal, que se aproxima das conversas do cotidiano de seu público.

O produto deste projeto experimental busca aderir à entrevista em formato podcast, pois assim acredita-se ser possível criar uma relação mais dinâmica e próxima do ouvinte através de uma conversa mais informal.

2.1. O processo de produção

O podcast Panorama Independente teve a proposta de produzir três episódios de cerca de 20 minutos abordando a temática da cena musical independente de Governador Valadares (GV) durante a pandemia. A escolha do nome vem da ideia de que o intuito do programa é, na medida do possível, ter uma visão mais ampla do cenário independente de GV, por isso a escolha de três artistas que trabalham com estilos musicais distintos uns dos outros.

Anderson de Freitas, mais conhecido como “Zeus”, é integrante do coletivo musical valadarense Segunda Via, dedicado ao rap/trap e que conta com mais 100 mil visualizações em seu canal do YouTube. Rodolfo Gusmão é um músico que já possui 24 anos de carreira e 4 CDs autorais lançados. Nêga Ágna é uma cantora e compositora valadarense com cerca de 17 anos

⁵ A PodPesquisa mais abrangente aconteceu em 2018, porém optei por colocar os dados da pesquisa de 2019 por ser a mais atual.

de carreira e que já integrou algumas bandas da cidade, além de já ter feito shows fora do país. Futuramente, a ideia é abranger uma maior quantidade de convidados por temporada, buscando uma maior representatividade de cenas.

O podcast foi dividido em três blocos. São eles:

- Bloco 1 - Conhecendo o artista: neste bloco de aproximadamente 7 minutos, o artista fala um pouco sobre a sua carreira e suas experiências no mundo da música pré-pandemia.
- Bloco 2 - Vivências na pandemia: neste bloco de aproximadamente 8 minutos, o artista discorre sobre como tem se comportado no novo contexto pandêmico, falando sobre suas rotinas, o que mudou na forma de interagir com os fãs e de continuar garantindo o seu sustento financeiro. Apresenta também seus planos para o futuro e reflete sobre como vê a sua carreira num possível mundo pós-pandemia.
- Bloco 3 - Expectativas para o futuro: neste bloco de aproximadamente 5 minutos, o artista fala dos seus planos e de como vê a sua readaptação no contexto presencial.

Inicialmente, entrei em contato com todos os convidados pelo Instagram, rede social bastante utilizada para a divulgação do trabalho dos músicos. Assim que eles toparam participar do podcast, nos falamos pelo WhatsApp para combinar a data e a hora das entrevistas. As entrevistas foram realizadas através de “chamadas” pelo Google Meet, gravadas com o aplicativo “Free PC Audio Recorder”, editando posteriormente no Audacity. Eu já havia usado o Audacity anteriormente para edições mais básicas, mas como precisei fazer alguns ajustes mais detalhados, foi necessário buscar aprendizado em tutoriais do YouTube. Como não possuo equipamentos de captação de áudio adequados e de boa qualidade, a alternativa foi utilizar o microfone do fone de ouvido que eu já possuía para gravar o podcast. Todas as trilhas sonoras são de uso livre e foram extraídas do YouTube Studio, plataforma do YouTube para auxiliar os criadores de conteúdo a gerenciarem seus próprios canais. A escolha das trilhas de cada episódio foi pensada de acordo com os gêneros musicais que cada convidado trabalha mais. Fiz um teste inserindo trechos das músicas dos próprios convidados, mas por uma opção estética, decidi usar as trilhas de uso livre. Todas as gravações foram realizadas no mês de julho e, devido à qualidade do áudio, uma das convidadas teve seu episódio cortado, já que não houve a possibilidade de remarcar a entrevista dentro do prazo de entrega.

O produto está disponível na plataforma SoundCloud, devido à facilidade de se upar podcasts na mesma e por poder fazer este processo de maneira gratuita. Fiz o uso de hashtags como: “música GV”, “cena independente GV” e “Governador Valadares” para que outros

usuários interessados no assunto possam achar o produto de maneira mais fácil ao pesquisarem na plataforma. Também foi criada uma página no Instagram, @panoramaindependente, para a divulgação do podcast. Na medida em que os episódios eram postados no SoundCloud, fui divulgando em simultâneo na página do Instagram. Optei por criar a página do Instagram para aumentar o alcance do podcast, pois como todos os convidados usam a rede social, eles mesmos puderam ajudar divulgando, nos seus stories, que participaram do Panorama Independente.

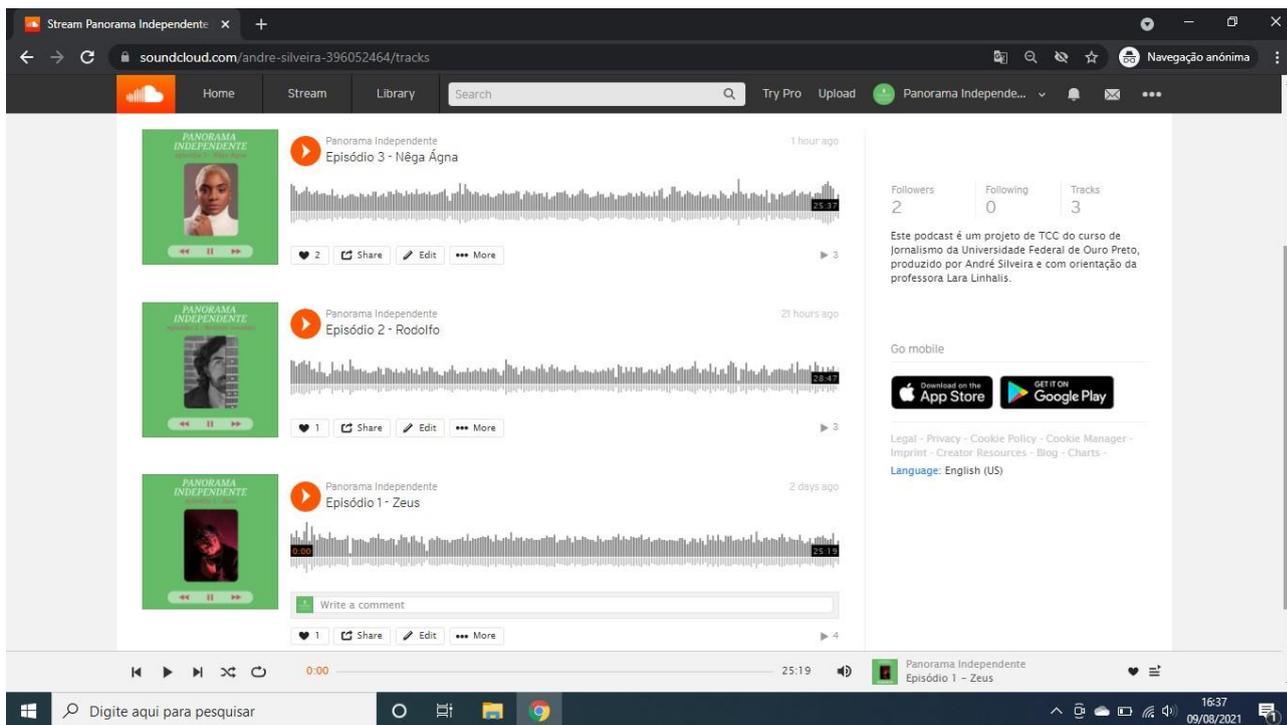


Figura 1: Página do podcast no SoundCloud.
Fonte: Elaboração do autor.

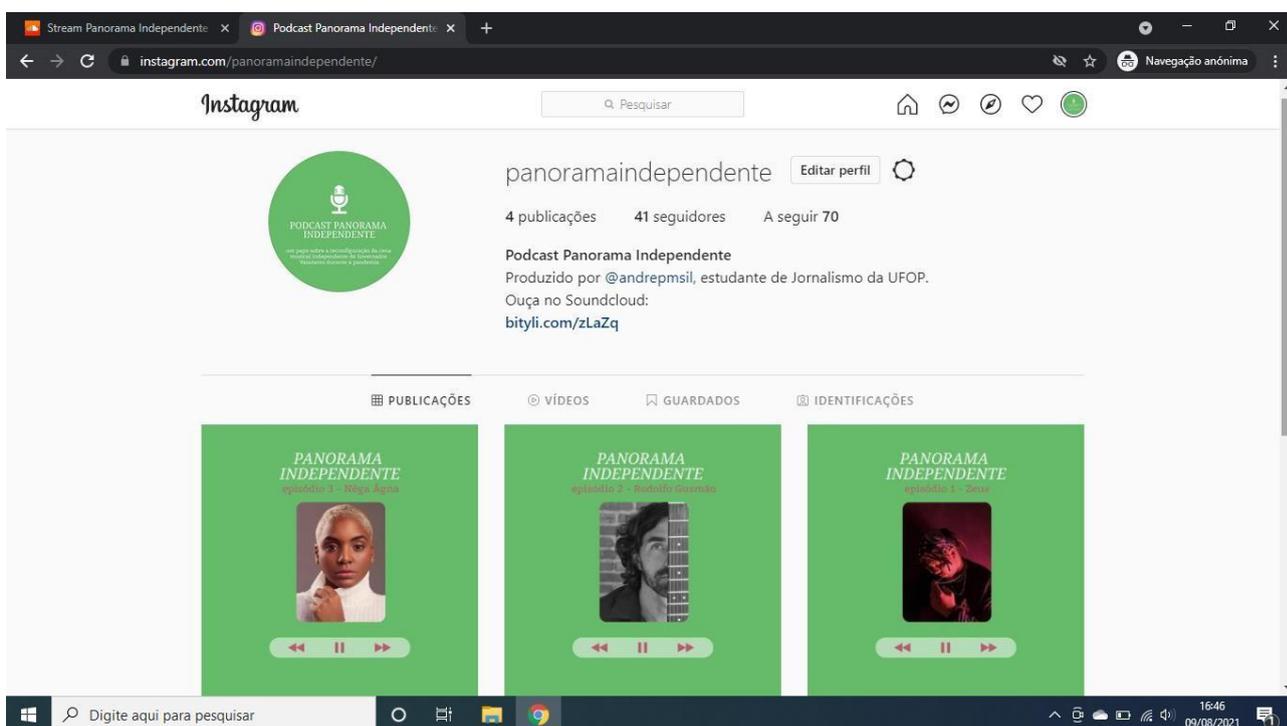


Figura 2: Página do podcast no Instagram.
Fonte: Elaboração do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do processo de orientação, o meu TCC passou por algumas mudanças metodológicas até chegar a este produto. Inicialmente seria uma monografia, mas no início do TCC 2 surgiu a proposta da professora Lara de fazer um produto, devido a duração mais curta do semestre, o que no fim das contas foi positivo, porque produzir o Podcast Panorama Independente foi uma boa oportunidade para conhecer a realidade dos músicos valadarenses neste cenário de pandemia. Apesar de já conhecer alguns outros artistas e saber as dificuldades que eles vêm tendo, foi interessante ter contato com músicos que eu ainda não conhecia, pois isso ampliou a minha visão sobre a cena da música em Governador Valadares e acredito que também pode ampliar a visão dos ouvintes. Mesmo sendo uma cidade que possui muitos barzinhos e eventos com música ao vivo, através do relato dos entrevistados, percebe-se que há uma carência de políticas públicas para a classe artística, pois os recursos financeiros não chegam para todos.

Infelizmente, a pandemia inviabilizou a produção do podcast de maneira presencial e em estúdio, o que afetou na captação dos áudios. Cada convidado possui microfones diferentes e velocidades distintas de internet, impactando diretamente na qualidade das gravações. Por esse motivo, mesmo após cuidadosa edição de áudio, limpeza de ruído e equalização, é possível escutar alguns sons externos à conversa como: latidos de cães, barulhos advindos da rua e etc.

Chegando ao final da primeira temporada do Panorama Independente, sei que ainda há muito o que se discutir sobre a cena musical valadarense, já que ela conta com diversos artistas além dos entrevistados, mas acredito que esse projeto experimental foi um bom começo para auxiliar na compreensão de um todo. A pandemia foi um acontecimento totalmente inesperado e o setor cultural foi um dos setores que mais sofreu durante o período.

Os artistas independentes de Governador Valadares carecem de políticas públicas que possibilitem a distribuição de recursos que ajudem seus projetos, já que como foi dito pelos próprios entrevistados, apenas a renda obtida nos shows não é suficiente para essa finalidade.

A adoção da tecnologia, que para alguns ainda não era uma realidade, se tornou a forma atual de fazer as coisas, o que impacta diretamente os modelos de negócio do mercado e pode indicar novas tendências para o futuro, o que foi citado pelos próprios entrevistados. Entender as dificuldades de um determinado grupo e dar voz à sua realidade é um dos principais papéis do comunicador, e acredito que o presente projeto experimental possui este propósito. A partir

de iniciativas assim é que mudanças na realidade de algumas pessoas podem acontecer.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Sérgio. MPB na era do rádio. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

CARDOSO FILHO, Jorge; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Universidade de Brasília. Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1409-1.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORREA, Fabiano Simões. Um estudo qualitativo sobre as representações utilizadas por professores e alunos para significar o uso da Internet. Tese (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

DIAS, Márcia T. Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. São Paulo: Editora Boitempo, 2000.

EXAME. Indústria da música no Brasil cresceu acima da média internacional. 2019. Disponível em: <<https://exame.com/casual/industria-da-musica-no-brasil-cresceu-acima-da-media-internacional/>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

FINGER, Cristiane. Crossmedia e Transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre: PUC-RS, 2012. Disponível em:

<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9754/2/Crossmedia_e_transmedia_desafios_do_telejornalismo_na_era_da_convergencia_digital.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2020.

HERSCHMANN, Micael. Nas bordas e fora do mainstream musical: novas tendências da música independente no início do século XXI. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2011.

IFPI. IFPI issues annual Global Music Report. 2020. Disponível em: < <https://www.ifpi.org/ifpi-issues-annual-global-music-report/>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder. Are you experienced?: experiência e mediatização nas cenas musicais. Contemporânea – revista de comunicação e cultura, Salvador, v. 10, n. 1, jan.-abr. 2012. Disponível em: < <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/5933/4365>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2006.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

_____. O que é o virtual? São Paulo, Editora 34, 1996.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. Cadernos ASLEGIS, v. 48, p. 11–45, 2013. Disponível em: <http://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48_art01_hist_internet.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2020.

LUIZ, Lúcio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

MACHADO, Gustavo Barletta. Transformações na Indústria Fonográfica Brasileira nos anos 1970. *Sonora - Revista Eletrônica*. v.1, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

NOVELLI, Ana Lucia Romero. Pesquisa de Opinião. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, Ana de. *Tropicália*, 2007. Disponível em: <<http://tropicalia.com.br/>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

RECUERO, Raquel. *Análise de redes para mídia social*. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2015.

RECUERO, Raquel. Rede social. In: SPYER, Juliano. *Para entender a internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede*. São Paulo: NãoZero, 2009a. p. 25-26. Disponível em: . Acesso em: 8 dez. 2020

REMÍGIO, I. O.; ARAÚJO, P. P. A. DE.; NASCIMENTO, B. R. *Música Independente e o consumo do Mercado Fonográfico local dentro da cidade de João Pessoa*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017.

RIBAS, Cláudia da Cunha.; ZIVIANI, Paula. Mediação, circulação e uso da informação no contexto das redes sociais. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 1–19, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/813>. Acesso em: 8 dez. 2020.

SANTINI, Rose Marie.; LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de. *Difusão de música na era da internet*. V Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura.

Salvador: UFBA, 2005. Disponível em: <<http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/pdf/ClovisMontenegroDeLimaRoseSantini.pdf>> Acesso em: 8 dez. 2020.

SAROLDI, Luiz C.; MOREIRA, Sonia, V. Rádio Nacional: o Brasil em sintonia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SILVA GUIDOLINI, Paulo Octavio da; STEIN SILVA, Ruth. Em meio a pandemia, arte!. Revista do Pet Economia Ufes, p. 46-49, 1 jul. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/peteconomia/article/view/31717/21180>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

SOUSA JÚNIOR, João Henriques de et al. “#FIQUEEMCASA E CANTE COMIGO”: Estratégia de entretenimento musical durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 2, n. 4, p. 72-85, apr. 2020. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/boca/article/view/Fiqueemcasa>>. Acesso em: 08 dec. 2020.

VICENTE, Eduardo.; DE MARCHI, Leonardo. Por uma história da indústria fonográfica no Brasil 1900-2010: uma contribuição desde a Comunicação Social. Música Popular em Revista, Campinas, ano 3, v. 1, p. 7-36, jul.-dez. 2014.

APÊNDICE 1

PRÉ-ROTEIROS:

Episódio 1

Abertura: Olá, ouvintes, tudo bem com vocês? Eu sou o André Silveira e esse é o Panorama Independente, um podcast que vai abordar as mudanças na cena musical independente de Governador Valadares durante a pandemia. Nesse nosso primeiro episódio, o convidado é o Anderson de Freitas, mais conhecido como “Zeus” e integrante do coletivo Segunda Via. Bora saber mais sobre ele no nosso quadro “Conhecendo o artista”?

Primeiro quadro: Conhecendo o artista (7 minutos)

André Silveira: E aí, Zeus, tudo bem? Prazer te receber aqui no programa.

Convidado responde

André Silveira: Pra quem ainda não te conhece, conta pra gente um pouco mais sobre você, sobre como começou a sua carreira na música e sobre os seus trabalhos.

Convidado responde

André Silveira: Este foi o nosso primeiro quadro, e agora a gente vai pro “Vivências na pandemia”, um quadro no qual a gente vai entender melhor as mudanças impostas/que aconteceram nas rotinas de cada artista durante esse período.

Segundo quadro: Vivências na pandemia (8 minutos)

Perguntas:

- 1- Quais foram os obstáculos encontrados por você durante a pandemia?
- 2- O que a pandemia mudou na sua forma de interagir com os fãs? Você já tinha afinidade com as redes sociais ou a pandemia acelerou o processo de adaptação às tecnologias?
- 3- A classe artística recebeu apoio da prefeitura neste período?
- 4- Como é ser um artista independente no cenário atual?

André Silveira: Finalizamos o nosso segundo quadro e agora a gente vai pra parte final do nosso programa com o quadro “Expectativas para o futuro”.

Terceiro quadro: Expectativas para o futuro (5 minutos)

Perguntas:

1- Zeus, como você vê essa readaptação ao contexto presencial daqui um tempo? Como você pensa que vai ser?

2- Quais são seus planos pro pós-pandemia?

3- Você tem boas expectativas para o cenário da música valadarense pós-pandemia?

André Silveira: Zeus, quero agradecer muito a sua participação aqui no podcast, a gente tá chegando no final agora, quero te desejar tudo de bom aí na sua carreira, a vacina tá chegando e logo logo as coisas vão melhorar.

André Silveira: Então nós finalizamos assim o nosso primeiro episódio. Se você gostou do programa, siga a página do Instagram @panoramaindependente e fique por dentro de todo o conteúdo. Até mais!

Este podcast é um projeto de TCC do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, produzido por André Silveira, com orientação da professora Lara Linhalis.

Episódio 2

Abertura: Olá, ouvintes, tudo bem com vocês? Eu sou o André Silveira e esse é o Panorama Independente, um podcast que vai abordar as mudanças na cena musical independente de Governador Valadares durante a pandemia. Nesse nosso segundo episódio, o convidado é o Rodolfo Gusmão, músico valadarense com mais de 20 anos de carreira e que já possui 4 CDs autorais lançados. Bora saber mais sobre ele no nosso quadro “Conhecendo o artista”?

Primeiro quadro: Conhecendo o artista (7 minutos)

André Silveira: E aí, Rodolfo, tudo bem? Prazer te receber aqui no programa.

Convidado responde

André Silveira: Pra quem ainda não te conhece, conta pra gente um pouco mais sobre você, sobre como começou a sua carreira na música e sobre os seus trabalhos.

Convidado responde

André Silveira: Este foi o nosso primeiro quadro, e agora a gente vai pro “Vivências na pandemia”, um quadro no qual a gente vai entender melhor as mudanças impostas/que aconteceram nas rotinas de cada artista durante esse período.

Segundo quadro: Vivências na pandemia (8 minutos)

Perguntas:

- 1- Quais foram os obstáculos encontrados por você durante a pandemia?
- 2- O que a pandemia mudou na sua forma de interagir com os fãs? Você já tinha afinidade com as redes sociais ou a pandemia acelerou o processo de adaptação às tecnologias?
- 3- A classe artística recebeu apoio da prefeitura neste período?
- 4- Como é ser um artista independente no cenário atual?

André Silveira: Finalizamos o nosso segundo quadro e agora a gente vai pra parte final do nosso programa com o quadro “Expectativas para o futuro”.

Terceiro quadro: Expectativas para o futuro (5 minutos)

Perguntas:

- 1- Rodolfo, como você vê essa readaptação ao contexto presencial daqui um tempo? Como você pensa que vai ser?
- 2- Quais são seus planos pro pós-pandemia?
- 3- Você tem boas expectativas para o cenário da música valadarense pós-pandemia?

André Silveira: Rodolfo, quero agradecer muito a sua participação aqui no podcast, a gente tá chegando no final agora, quero te desejar tudo de bom aí na sua carreira, a vacina tá chegando e logo logo as coisas vão melhorar.

André Silveira: Então nós finalizamos assim o nosso primeiro episódio. Se você gostou do programa, siga a página do Instagram @panoramaindependente e fique por dentro de todo o conteúdo. Até mais!

Este podcast é um projeto de TCC do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, produzido por André Silveira, com orientação da professora Lara Linhalis.

Episódio 3

Abertura: Olá, ouvintes, tudo bem com vocês? Eu sou o André Silveira e esse é o Panorama Independente, um podcast que vai abordar as mudanças na cena musical independente de Governador Valadares durante a pandemia. Nesse nosso último episódio da primeira temporada, a convidada é a Nêga Ágna, cantora e compositora valadarense com mais de 15 anos de carreira. Bora saber mais sobre ela no nosso quadro “Conhecendo o artista”?

Primeiro quadro: Conhecendo o artista (7 minutos)

André Silveira: E aí, Nêga Ágna, tudo bem? Prazer te receber aqui no programa.

Convidado responde

André Silveira: Pra quem ainda não te conhece, conta pra gente um pouco mais sobre você, sobre como começou a sua carreira na música e sobre os seus trabalhos.

Convidado responde

André Silveira: Este foi o nosso primeiro quadro, e agora a gente vai pro “Vivências na pandemia”, um quadro no qual a gente vai entender melhor as mudanças impostas/que aconteceram nas rotinas de cada artista durante esse período.

Segundo quadro: Vivências na pandemia (8 minutos)

Perguntas:

- 1- Quais foram os obstáculos encontrados por você durante a pandemia?
- 2- O que a pandemia mudou na sua forma de interagir com os fãs? Você já tinha afinidade com as redes sociais ou a pandemia acelerou o processo de adaptação às tecnologias?
- 3- A classe artística recebeu apoio da prefeitura neste período?

4- Como é ser um artista independente no cenário atual?

André Silveira: Finalizamos o nosso segundo quadro e agora a gente vai pra parte final do nosso programa com o quadro “Expectativas para o futuro”.

Terceiro quadro: Expectativas para o futuro (5 minutos)

Perguntas:

1- Ágna, como você vê essa readaptação ao contexto presencial daqui um tempo? Como você pensa que vai ser?

2- Quais são seus planos pro pós-pandemia?

3- Você tem boas expectativas para o cenário da música valadarense pós-pandemia?

André Silveira: Ágna, quero agradecer muito a sua participação aqui no podcast, a gente tá chegando no final agora, quero te desejar tudo de bom aí na sua carreira, a vacina tá chegando e logo logo as coisas vão melhorar.

André Silveira: Então nós finalizamos assim a primeira temporada do nosso podcast. Se você gostou dos programas, siga a página do Instagram @panoramaindependente e fique por dentro das novidades que virão na segunda temporada. Até mais!

Este podcast é um projeto de TCC do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, produzido por André Silveira, com orientação da professora Lara Linhalis.